

“É BABADO!”: registros de sociabilidade LGBTQIAPN+ numa quadrilha junina de Caruaru¹Cladisson Rafael Pereira de MÉLO²Nicole Ellen Martins SIMÕES³Iomana Rocha de Araújo SILVA⁴Fabiana Moraes da SILVA⁵

Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, PE

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre como se dá a sociabilidade de pessoas LGBTQIAPN+ numa quadrilha junina de Caruaru, sob abordagem de autores e autoras que estudam a presença dissidente nessa manifestação cultural. O trabalho pensa a reinvenção das quadrilhas juninas e dá luz à cidade de Caruaru, a partir de um documentário realizado como parte do trabalho de conclusão de curso.

PALAVRAS-CHAVE: Documentário; Quadrilha Junina; LGBTQIAPN+; Sociabilidade.

A cidade de Caruaru é referência por realizar uma das maiores manifestações culturais de festejos juninos no país. Durante a época de São João na cidade acontecem eventos que promovem a cultura popular local, evidenciando o forró e suas tradições. Em 2023, mais de 3,6 milhões de pessoas passaram pela cidade durante as festividades, segundo a prefeitura em coletiva de imprensa. No período em questão, há uma programação e espaço dedicado às quadrilhas juninas. Os grupos fazem suas apresentações no “Polo dos Brincantes”, onde o trabalho, a performance, o brilho, a inclusão e as relações sociais aparecem entrelaçadas para o público.

O evento atrai quadrilhas juninas não somente caruaruenses e localidades vizinhas, mas de todo o Brasil. Longe dos olhos que observam as competições, também há grupos juninos que fazem apresentações fora da programação oficial do São João da cidade, sejam elas pelas proximidades ou fora do estado, podendo estar presentes em eventos privados ou não.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT02NE – Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Bacharel do Curso de Comunicação Social da UFPE/CAA, e-mail: cladisson.melo@ufpe.br

³ Bacharel do Curso de Comunicação Social da UFPE/CAA, e-mail: nicole.martins@ufpe.br

⁴ Orientadora do trabalho. Prof.^a Dra. do Curso de Comunicação Social da UFPE/CAA, e-mail: iomana.rocha@ufpe.br

⁵ Orientadora do trabalho. Prof.^a Dra. do Curso de Comunicação Social da UFPE/CAA, e-mail: fabiana.msilva2@ufpe.br

Trazida ao Brasil pela Europa, a dança em quadrilha não só recebeu adaptações de acordo com a realidade brasileira e de cada especificidade regional, mas também se dispôs a manter características originais. Segundo a pesquisadora Chianca (2007), a quadrilha junina é uma dança de pares provinda de uma contradança com o mesmo nome que foi trazida ao Brasil pela corte imperial portuguesa. Com sua popularização, tornou-se símbolo das festas de São João, justo por ser dançada durante a época. Recebeu adaptações depois que foi adotada pelas classes mais abastadas e afastadas dos centros urbanos e interior das cidades. A dança é apresentada em fileiras onde os brincantes performam os matutos, de forma muito caricata e uma sequência de passos ensaiados, compondo harmonias. A dança faz parte da encenação de um casamento e conta com personagens e símbolos que lembram esse tipo de celebração, como por exemplo o noivo, a noiva, os pais da noiva e o padre. A dança é então a parte do baile do casamento, onde os noivos e convidados dançam em comemoração ao casamento (CHIANCA, 2007).

O conceito de Eric Hobsbawm acerca de tradição afirma que ela “não surge com a origem do mundo, mas é fruto de um processo ativo de invenção, que cria e\ou reelabora práticas ‘normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas’”. Ou seja, segundo Hobsbawm, é possível pensar que a tradição enquanto conjunto de práticas culturais estabelecidas, também se adapta às condições sócio-político-culturais de uma sociedade. Sendo assim também, um processo de reinvenção (HOBSBAWM, 2018, p. 8 *apud* DE CASTRO, 2020, p. 10).

A quadrilha junina, enquanto uma expressão cultural tradicional de algumas cidades, principalmente do nordeste brasileiro, tem refletido mudanças em sua estrutura. Embora a presença de pessoas dissidentes⁶ seja uma realidade nas tradições da cultura periférica, a aparição de pessoas LGBTQIAPN+⁷ nas performances ao vivo chama atenção, devido à quebra desse histórico tradicional na dança junina, que trazia personagens de papéis de gênero pré-estabelecidos. A presença desses sujeitos dissidentes nesses espaços, moldados pela tradicionalidade e que ainda representam uma evidência

⁶ Que ou o que diverge (de algo); Que ou o que sai de um determinado grupo, por divergir de seus princípios, ideias, doutrinas, métodos, etc. Neste caso, utilizamos referente a conceitos de gênero e sexualidade. Dissidentes do binarismo e padrões cisheteronormativos.

⁷ Sigla do movimento político social que representam as diversidades: Lésbicas; Gays; Bissexuais; Queer e Questionando; Transgêneros e Travestis; Intersexuais; Assexuais, Agêneros e Aliades; Pansexuais; Não-binários; “+” para incluir as demais identidades sexuais e de gênero.

cisheteronormativa⁸, atuam em detrimento do desenvolvimento natural de suas vivências artísticas e/ou profissionais, mas acabam ocasionando fortuitamente um tensionamento na norma vigente.

Di Deus (2014, p. 83) destaca que as quadrilhas surgem como grupos que “[...] configuram ambientes de sociabilidade que incluem pessoas discriminadas na sociedade mais ampla por suas experiências de gênero”. Também afirma que as quadrilhas são geralmente encontradas e constituídas nas periferias das cidades e também, são importantes movimentos culturais onde é possível perceber a sociabilidade compartilhada entre pessoas (DI DEUS, 2014).

Barroso (2017) pensa a presença e as relações de pessoas LGBTQIAPN+ em quadrilhas juninas do Ceará e observa que não somente nas apresentações essas pessoas estão presentes, mas estão cada vez mais na produção e coordenação desses eventos juninos, desde o trabalho manual e estético até as atividades artísticas.

A autora também demonstra que essa existência não tem conseguido romper completamente com modelos tradicionais consolidados nas quadrilhas juninas, mas esses processos práticos de inclusão provocam alterações de sentidos na tradição. “O ingresso de novos agentes traz consigo novas práticas e representações, que podem afetar o habitus no campo, quer seja reproduzindo-o, quer seja adequando-se a ele, quer reequilibrando-o” (BARROSO, 2019, p. 94).

É de grande importância promover e elucidar o debate acerca da performatividade de gênero dos brincantes dissidentes, pois é aquecido pelos autores e autoras que se debruçam sobre o tema que aqui pesquisamos. O gênero é tido como uma performance de signos socialmente construídos, não algo pelo qual os indivíduos se apropriam, mas uma forma de poder instituída acerca do sujeito, produzindo uma prática de noção de binaridade de gênero como algo natural (BUTLER, 2019).

Noletto (2017) em sua pesquisa intitulada “Casamento em performance, parentesco em questão: gênero e sexualidade no São João de Belém, Pará”, analisa a ruptura da binaridade presente nas quadrilhas, que apresentam padrões estéticos e sociais com a encenação de um casamento cisheterossexual. Com a participação de

⁸ Que corroboram com a cisheteronorma, compete-se em restringir a subjetividade dos corpos, identidades cisgêneras e heterossexuais como instituição total. A partir de conceitos teóricos de gênero e sexualidade, termo que converte heteronormatividade e cisheteronormatividade ou cissexismo, num conjunto único e delimitado.

homossexuais, transgêneros e travestis nas quadrilhas juninas de Belém do Pará, a divisão coreográfica focada no binarismo entre damas e cavalheiros se desestabiliza e foge também do plano simbólico das concepções tradicionais de conjugalidade heterossexual, segundo o autor.

Em reportagem especial, a jornalista Fabiana Moraes traz esse mesmo tema para o foco da discussão. A presença de travestis e homens gays que se vestem de dama no maracatu rural faz parte da expressão cultural há muito tempo. Embora existam essas figuras, algumas sofreram repressão quando demonstraram feminilidade, quando se distanciaram da imagem cisheteronormativa. Por outro lado, homens héteros, considerados “cabra-macho”, não foram impedidos ou constrangidos por performarem papéis femininos nos grupos de maracatu.

Em 2019, o documentário “Bichas Aliadas” foi realizado, em conjunto com Wesleyanne Ramos, que foi produto final da disciplina de Estéticas da Periferia, ministrada pela professora Fabiana Moraes, e pertencente ao curso de comunicação social no campus agreste da UFPE. Nele aborda-se a presença de pessoas LGBTQIAPN+ em quadrilhas juninas que se apresentaram no Festival de Quadrilhas Juninas Estilizadas de Caruaru daquele ano.

Houve oportunidade de realização de um documentário na perspectiva dos brincantes⁹ de outros estados, que participaram do concurso de quadrilhas juninas estilizadas, durante a programação do São João em Caruaru em 2019. O Bichas Aliadas levanta questões sobre a marginalização de pessoas LGBTQIAPN+, seja na sociedade como um todo, ou nos grupos e comunidades em que estas pessoas entrevistadas faziam parte.

Além desses materiais, no processo de pesquisa foram feitas buscas de outras referências estéticas e formais de filmes que explorassem o tema. “São João Também é Trans” (2018), curta-metragem que aborda a inserção de mulheres trans nas quadrilhas juninas do interior cearense. O curta-metragem “Anarriê” realizado no interior sergipano, que teve sua estreia no ano de 2023 e participou de festivais nacionais e internacionais. Logo, é perceptível um crescente interesse acerca do tema.

⁹ Como são chamadas as pessoas que dançam e fazem a produção das apresentações das quadrilhas juninas e outras expressões populares.

Ao abordar o tema da sociabilidade, a busca por entender as vivências e relações sociais dessas pessoas dentro das quadrilhas juninas se torna de suma importância. A partir do documentário “É BABADO!”, realizado como parte da pesquisa do trabalho de conclusão de curso, foi possível pensar questões que contribuem para as discussões dessas transformações, ocorridas em contexto cultural. No caso em questão, o filme “É Babado!” (2023), se encaixa no conceito de Nichols (2001) como um filme documentário de não-ficção que se propõe a ser um registro de uma realidade social:

Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões filmadas do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social (NICHOLS, 2001. p. 27).

Em seu livro, *Introdução ao Documentário*, Nichols (2001) identifica modos de representação que se organizam como subgêneros do documentário. Observando suas definições, entendemos que o nosso projeto se aproxima do que ele classifica como documentário participativo, no qual os cineastas entrevistam os participantes ou interagem com eles. Também podendo usar imagens de arquivo para recuperar a história. “A presença do cineasta assume importância acentuada, desde o ato físico de ‘captar a imagem’, [...] até o ato político de unir forças com aqueles que representam seus temas [...]” (NICHOLS, 2001, p. 154).

Diante da falta de representações midiáticas a respeito de pessoas LGBTQIAPN+ nas quadrilhas juninas de Caruaru, a produção de documentários também recebe seu valor enquanto registros de uma realidade que insiste em seu direito à memória.

Nos ensaios e dentro das quadras onde se apresentam, essas pessoas constroem suas relações afetivas e suas redes de apoio. Ainda que mesmo a presença massiva de pessoas LGBTQIAPN+ seja transformadora e mantenedora de processos de inclusão nesses espaços, ainda existem algumas lacunas que precisam ser ocupadas. Um exemplo é a ausência de homens trans e transmasculinos nas quadrilhas juninas da região, o que demanda também pesquisas acerca da temática.

É de suma importância que a comunicação se aproxime e visibilize os movimentos populares, tratando de suas questões, narrativas e contribuições nas transformações sociais.

Abordar a temática também possibilita a desconstrução de equívocos, estereótipos, preconceitos e inibe violências simbólicas produzidas frequentemente pela sociedade contra a comunidade LGBTQIAPN+, principalmente contra pessoas dissidentes do padrão cisheteronormativo social e midiaticamente estabelecido. Nesse sentido, o documentário promove inclusão de narrativas e experiências no conhecimento acadêmico e popular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROSO, Hayeska C. “O São João é gay!!”: horizontes interpretativos sobre as performances trans na festa junina no Ceará. *In: Revista Periódicus*. N. 6. V. 1, p. 179-197, 2017. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus>>. Acesso em: 31 mar. 2024.

_____. **Dança Joaquim com Zabé, Luiz com Iaiá, dança Janjão com Raqué e eu com sinhá: a espetacularização da festa e o caráter performativo do gênero nos festejos juninos.** Orientadora: Andréa Borges Leão. 2019. 169f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** 17 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

CASTRO, T. S.; PAIVA, A. C. S. Reinventando tradições: um olhar sobre as experiências de sujeitos queer no contexto das quadrilhas juninas do Ceará. *In: Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS*, 2020. Disponível em: <<https://www.anpocs2020.sinteseeventos.com.br/arquivo/downloadpublic?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyI7czozNToiYToxOntzOjEwOiJJRF9BUiFVSZPIjtzOjQ6IjM1ODUiO30iO3M6MT0iaCI7czozMjoiNmJhNmQ3NDk4NzhkMTlkNzZhYTNiYmQzNTlmY2ZiZGIiO30%3D>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

CHIANCA, L. D. O. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. *In: Sociedade e Cultura*. Goiânia, v. 10, n. 1, 2007. DOI: 10.5216/sec.v10i1.1722. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/1722>. Acesso em: 12 abr. 2024.

Caruaru divulga o balanço do São João 2023. *In: Diário de Pernambuco*, 2023. Seção Festividades. Disponível em: <<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2023/07/balanco-do-sao-joao-2023-de-caruaru-com-recorde-de-publico-com-3-6-mi.html>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

DI DEUS, Eduardo. Quadrilhas juninas como um movimento de juventude em Rio Branco, Acre. *In: Sociedade e Cultura*, [S. l.], v. 17, n. 1, 2015. DOI: 10.5216/sec.v17i1.36878. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/36878>>. Acesso em: 22 mar. 2024.

MÉLO, Cladisson Rafael Pereira de; SIMÕES, Nicole Ellen Martins. “**É babado!**”: um documentário de curta-metragem sobre a sociabilidade de pessoas LGBTQIAPN+ na quadrilha junina Flor do Caruá. 2023. 56 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social, Núcleo de Design e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco - Centro Acadêmico do Agreste, Caruaru, 2023.

MORAES, Fabiana. **As damas masculinas do maracatu. Jornal do Comércio, 2015. Seção Reportagem.** Disponível em: <<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/suplementos/jc-mais/noticia/2015/02/08/as-damas-masculinas-do-maracatu-167252.php>>. Acesso em: 28 mar. 2024.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao Documentário.** 5ª. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010.

NOLETO, Rafael da Silva. Casamento em performance, parentesco em questão: gênero e sexualidade no São João de Belém, Pará. *In: Cad. Pagu*, Campinas, n. 51, e175120, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332017000300512&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 mar. 2024.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

BICHAS Aliadas. Direção: Cladisson. Produção: Cladisson, Nicole Martins, Wesleyanne Ramos. Local: Caruaru, 2019. Fora de circulação.

SÃO João também é Trans. Direção: Thiago de Castro. Pesquisa: Thiago de Castro. Roteiro: Thiago de Castro. Sobral, 2018. Youtube.